PARA LÁ DO QUOTIDIANO

A VERDADE DOS CONTOS DE FADAS

POR ANTÓNIO QUADROS

...A jornada crescendo e crescer foi para todos não a fácil conquista de uma maleira destrutiva, de uma nova inteligência de entendimento, mas sòmente se empenhava em fazer explodir aquelas coisas que o mundo mais corro nos hacem não Todasia, com que teleiras ocultavam o segredo que a quarenta fôgo positivista de todos os homens, mas inspirada, não verdade, tamanho não no momento ardente, mas a verdade, não a verdade, segredam-nos os sérios, aqueles que pois, tios, cristãos, irmãos mais sofridos; não a verdade, contudo, não ecoa; não é verdade, continuamos a dizer, a gritar, a largar, com a ignorância uma radio aparentemente inalcançável, o lúcido, a universidade, a cultura e o inteiro ambiente que em tais tentativas-momento o adulto sem Gudes, o homem atro, burguês, técnico, burocrático e conservador.

...E, resignando-nos então, resignamo-nos inteiramente a aceitar o mundo sem fadas, sem princesas encantadas, sem dragões-fúrias, sem varas de condão, sem palavras mágicas, sem animais falantes, sem pássaros de fogo. Foi então que perdemos de uma vez para sempre, a ingenuidade que o nosso sorriso se tornou, enfeitiçado, estúrdio, atormentado e sem qualquer significado autêntico. E não fica ferido a sorte desta maneira: o cientista dos mesmos olhos que a criança, um engar uma carta que se parece com um tendeiro pobre e Bastia esler atento aos estímulos. A crudeza e bisnaga, sabia por vez qualquer estímulo e o convencionado-sorrisa. Mas a alegria, a prática e a ofensiva alegria era desaparecera no instante preciso em que o homem deixou de ser o proponente de uma ovra pura sempre, e sem fadas e ogros como suporte e sem autoridade e ciúmes, estatuído

ARTES e LETRAS

CRÍTICA LITERÁRIA

(Continuado da 13.ª página)

parece em «ter de descobrir o seu verdadeiro ramo». Ora, o facto, bastante extraordinário que uns se nos afiguram, é a maioria, realmente, das mais ricas e vivas manifestações artísticas, aqueles que, não mais recentes manifestações actuais, «sabe» com mais profundeza o que é preciso para se fundamentar as manifestações musicais do nosso país e as mais recentes e superiores expressões da sensibilidade nacional. Isto mesmo se depreende não só de letras de Fernando Lopes «Estrada Larga», mas, inclusivamente, da do livro «A Música Portuguesa e os seus Problemas» de um dos mais «interpretados» colaboradores deste volume, o compositor e crítico musical Fernando Lopes Graça, que não se não pode crer, contudo, que tal letra da colónia de José-Augusto, França, «Situação da Pintura Ocidental», «Odivelas» 2.ª Ensina, Dubuisson quer da letra de alguns dos capítulos de «Estrada Larga» estendendo mesmo enxista (tanto no livro de Lopes Graça, editado não «Textos Críticos», como no de José-Augusto França, figuram ensaios incluídos na «Estrada Larga»): não pode não dar a que se tenha encontrado um ramo para a pintura portuguesa? Ou, pelo contrário, cada um mais dependente de modelos estrangeiros, a «nossa» pintura moderna — tanto a nossa pintura como a nossa escultura — não se relacionam quanto a «nossa» pintura, como a nossa escultura, não se relacionam quanto a «nossa» pintura, como a nossa escultura, não se relacionam quanto a «nossa» pintura, como a nossa escultura,